

4. GEOGRAFIA, POS-MODERNIDADE E METODOLOGIA
(Reflexões "a posteriori")

~~Armando Corrêa da Silva*~~

"Vivemos num 'presente perpétuo'
sem profundidade, sem definição
e sem identidade segura"

Jamerson cit. p/ Steven Connor

A pós-modernidade comporta um método?

A crise dos paradigmas da modernidade deixou o discurso (hermenêutico : reflexivo - crítico) vazio, ante o advento dos aparatos da pós-modernidade e seus efeitos sobre o saber. O conhecimento tornou-se linguagem (imagem) ou fala.

O desentendimento dos atores em uma situação, que antes não existia (Parsons, antes de 1950), é uma condição do momento atual, apesar das referências do pós-neo-funcionalismo (o próprio Parsons) e do pós-marxismo (marxismo analítico, por exemplo).

Esse desentendimento ultrapassou a dicotomia "fato-contradição".

Nos últimos anos (pós 1989), quando parece que as tendências da modernidade e da pós-modernidade se tornaram mais discerníveis para o intelectual orgânico e o intelectual tradicional, até o agir comunicacional de Habermas, que busca o consenso parece não ter resistido ao movimento de desconstrução (Derrida)

O método, enquanto paradigma, foi substituído, no plural, por abordagens individualizadas que vão desde a construção epistemológica pessoal até a não-comunicação (a indiferença ante a imagem, ao texto, ao cartaz etc.).

O discurso agora depende do lugar, quando a fala é uma decorrência da "paisagem" e a ela se refere como um "outro". Ou seja, o descolamento, proporcionado pela relação à distância (o psiquismo exteriorizado), automatiza o olhar, o ver, o enxergar, o observar, o pensar e o refletir.

~~Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.~~

Diante da tela do computador, utilizado como jogo, a imagem preenche o espaço, antes neutro, da modernidade.

Sente-se a presença do individual e do social, sem que estejam presentes.

Tudo se passa como se não houvesse mais a solidão no sentido absoluto, tal qual a descreveu a literatura pretérita. O "stand by" indica, por exemplo, que a TV está "no ar", mesmo que o aparelho esteja desligado.

O calendário retém o tempo na imagem colorida do estímulo verde no video-cassete.

Quais as diferenças?

Eu sou três, como em uma espacialização de Freud (o id, o ego, o superego): eu, você e você, que ambos sou eu. E cada um deles desempenha uma performance.

Mas, o sistema binário os combina, por oposição dois a dois: o sim e o não.

Então, Aristóteles torna-se atual com sua elaboração da lógica formal.

No entanto, o dilema moderno absoluto-relativo ganha nova dimensão com o surgimento da referência relacional, que remonta a Leibniz.

Ora, Leibniz desenvolveu o cálculo infinitesimal cujo problema os sofistas não haviam podido resolver.

O fim da metanarrativa implica nos últimos paradigmas da modernidade estarem sempre correndo atrás da linguagem renovada pelos inventores. Isso acontece com o positivismo; isso acontece com o materialismo histórico.

O chamado materialismo histórico e geográfico apresenta-se como uma solução analítica. Pois, então, há o materialismo psicológico, o materialismo antropológico etc.

Na "compressão do espaço e do tempo", a sensibilidade modifica-se gerando o pensamento relacional diverso da dialética clássica.

Não é possível mais considerar a determinação, sem com ela a indeterminação.

Que tempo é esse que inverte a relação duração-simultaneidade? Não é mais o tempo do historicismo.

O ser ou o vir-a-ser?

O que é agora a identidade? Quando Madona veste várias indumentárias na sucessão do show não é uma forma de assumir personalidades (persona) diferentes?



O que desapareceu foi apenas o sentido clássico de personalidade. A abordagem pluralista (nem sintética, nem analítica) parece encaminhar a solução da questão: o ser (as várias identidades) transforma-se no vir-a-ser (as identidades travestidas na referência da imagem virtual e da multimídia).

Qual a relação? Se o sistema é binário, a nova dicotomia se resolve na discussão do não-ser, ou seja, nem o idealismo, nem o materialismo clássicos resolvem a questão.

A profundidade, a definição e o presente perpétuo.

Ser profundo hoje é vivenciar o conteúdo da aparência para além da cristalização da forma.

Dai decorre a velocidade da fala, incontida nas regras fixas da semiologia e da sintaxe.

Por isso a importância da permanência das novas invenções, que se tornam apologias do presente perpétuo, que indica apenas a modalidade de repouso da pós-modernidade.

O movimento do ser, transformando-se sempre no vir-a-ser, transpõe as barreiras da memória e do imaginário, nas subjetividade e objetividade continuamente reencontradas no transpor os fluxos e fixos e a determinação dos objetos espaciais.

A distância entre a matéria e o espírito dilui-se no advento da espacialidade, momento de descoberta que abre o horizonte da imaginação permanente.

E como dizer: "a fala fala".

Presidente Prudente, 15 de novembro de 1993.